

Livro de crónicas e reflexões sobre o correr dos dias

Rui Bebiano apresenta hoje o seu livro **Incertezas da Razão**, reunindo um conjunto de publicações feitas no Público, na Ler e no Diário As Beiras, e ainda em outras publicações digitais.

A apresentação está a cargo de **Elísio Estanque**, docente e investigador da FEUC, e de **Martha Pires**, gestora de comunicação e será na Livraria Almedina, às 17H30, em Coimbra.

O livro reúne 118 textos, publicados entre 2000 e 2025, todos eles construídos com uma tipologia de crónica: concisão, informalidade e preocupação com o real imediato e de contexto e, na expressão do autor, com preocupação cívica.

► Rui Bebiano é historiador, professor aposentado da Faculdade de Letras de Coimbra, investigador do Centro de Estudos Sociais e autor. Foi diretor do Centro de Documentação 25 de Abril. É autor de livros, artigos científicos e textos de crítica literária e opinião, colaborando regularmente na imprensa. Trabalha sobre movimentos políticos e culturais contemporâneos nos domínios da história das ideias e dos intelectuais, das representações da utopia, dos processos de exclusão e silenciamento e das relações entre história e memória. Mantém desde 1970 intervenção pública constante em defesa dos ideais progressistas, da liberdade e da democracia



O que pretendi com este livro



Rui Bebiano

Ao contrário dos meus livros mais recentes, escritos sobretudo na qualidade de historiador, este contém uma vertente ao mesmo tempo interventiva e pessoal.

Nele procurei reunir textos sobre temas e problemas de interesse público que me têm preocupado ou mobilizado, mostrando que um historiador não fala apenas sobre o passado, mas pode e deve falar também sobre o mundo dinâmico em que habita.

Fazendo-o aqui, num registo de partilha com o leitor, ao mesmo tempo na pele de cidadão, de professor e de «explorador de incertezas». Não tenho dúvida de que estas páginas, não sendo autobiográficas, revelam muito da pessoa que sou, das minhas dúvidas, das minhas convicções, dos meus medos e sobretudo das minhas esperanças

passado pela história e pelo Brasil, a autora mostra como o autor da democracia enquanto processo construído e irreversível se tem vindo a constituir com a ação do debate público e a expansão dos populismos, beneficiando aqueles que defendem propostas de natureza conservadora, repressiva e autoritária, e colocando em risco a segurança de algumas causas em trilha de avanço e de transformação. A historiadora chama, aliás, a atenção para o facto deste processo ter hoje tantas semelhanças com aquele que levou, nas primeiras décadas do século XX, à emergência dos grandes sistemas totalitários.

O segundo livro de Trump e Putin. A Guerra Civil e a Democracia, de Álvaro Vazquez. Não se trata de um livro sobre o planeta tende a dividir-se em dois Vazquez. Não se trata de um livro sobre o planeta tende a dividir-se em dois Vazquez. Não se trata de um livro sobre o planeta tende a dividir-se em dois Vazquez.

(Beiras, 2022)

Cultura da denúncia e assalto à democracia

Todos os regimes autoritários firmam a sua autoridade no uso arbitrário da força, na eliminação da divergência e na disseminação do medo. Para o otimismo reverterem ao que Foucault designou os mecanismos da microfísica do poder, uma combinação tática de vigilância hierárquica e sanção normalizadora que dá corpo à disciplina. Esta foi sempre particularmente severa sob as tiranias e as ditaduras, em especial aquelas que incorporaram o complexo totalitário, capaz de impor, nas palavras de Hannah Arendt, «uma dominação permanente de todos os indivíduos em toda e qualquer esfera da vida».

Sob estas, os instrumentos destinados a silenciar a discordância, potenciando uma ordem única e violenta que se pretende eterna – como a polícia política e a censura, o controlo dos meios de comunicação, tribunais obedientes às normas antidemocráticas que evolvem os controles do voto livre e o exercício da crítica – não são suficientes, mostrando-se, apenas por si, incapazes de instalar essa dominação na consciências dos indivíduos e em todas as esferas da vida. Em sociedades complexas e dinâmicas, onde as hipóteses de escapar à imposição disciplinar se multiplicam, esta dificuldade funcional requer instrumentos bem mais sofisticados e eficazes.

Entram aqui em jogo os processos complementares de construção e imposição do permanente único, tendentes a criar a unanimidade e ao mesmo tempo, como lembrou Herbert Marcuse, a fechar o universo do discurso, dele excluindo todo o sopro de autonomia e de liberdade. A esecia, a propaganda política, uma informação filtrada, o doutrinação, são então mobilizados para impor uma representação do mundo e da história segundo modelos que rejeitam a contraditório, tomado como um perigoso vírus. Procura-se então isolar, esconder, coagir e silenciar, no limite prender, torturar ou aniquilar quem tenha a ousadia de